

Editorial do 'Post' compara problemas

WASHINGTON — O que há de comum entre o Brasil e os Estados Unidos? A resposta, para o influente jornal "Washington Post", é simples: a resistência dos Presidentes de ambos os países em aceitar um aumento de impostos, e também o grande sucesso alcançado por um grupo de pessoas — beneficiárias de favores governamentais — em sua luta para evitar cortes nas despesas públicas.

Essa opinião foi registrada no principal editorial do "Post", publicado na edição de ontem, afirmando que tanto o Brasil quanto os Estados Unidos terão de utilizar cada vez mais suas exportações para cobrir sua dívida externa.

O jornal lembra que o ex-Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, queria aumentar os impostos de quem ganha mais e fechar várias empresas estatais, e cita a criação de uma nova Constituição como o motivo que evitou que tais providências fossem tomadas. No fundo, o artigo diz que tudo não passou de um capricho do Presidente Sarney:

"Os críticos do Presidente Sarney, que são cada vez mais numerosos, querem que seu mandato seja restrito a quatro anos, com eleições no próximo outono. O senhor Sarney está lutando para que a sua duração seja de cinco anos. Parece que não se trata mais do que um ponto de orgulho pessoal, que ele persegue com paixão e evitando ofender os Constituintes tanto da Direita quanto da Esquerda", diz o editorial.

O "Post" prevê um longo período de inflação incontrollável no Brasil, lembrando que a recusa de Sarney em taxar mais e gastar menos — sugerida por Bresser Pereira — fez com que o déficit fiscal continuasse nos 6,5% do Produto Nacional Bruto: "Os Estados Unidos estão obviamente numa posição mais feliz. Não há uma Constituinte aqui para arrefecer a iniciativa política, mas apenas a perspectiva de uma eleição presidencial", comenta o jornal.

Depois de lembrar que a dívida externa americana é enorme, e — à diferença da brasileira — cresce rapidamente, o "Washington Post" diz que o problema dos Estados Unidos é mais fácil de ser enfrentado devido à sua proporção em relação à economia interna.

E conclui: "É na recusa em se compreender um perigo reconhecido, e na inclinação geral em acreditar na sorte para resgatar o país, em que as performances dos Estados Unidos e do Brasil mais se parecem entre si."